

**CINEFILÔ**

Ollivier Pourriol

# CINEFILÔ

As mais belas questões da filosofia no cinema

Tradução:  
ANDRÉ TELLES

Título original:

*Cinéphilo*

*(Les plus belles questions de la philosophie sur grand écran)*

Tradução autorizada da primeira edição francesa,  
publicada em 2008 por Hachette Littératures,  
de Paris, França

Copyright © 2008, Hachette Littératures

Copyright da edição brasileira © 2009:

Jorge Zahar Editor Ltda.

rua México 31 sobreloja

20031-144 Rio de Janeiro, RJ

tel.: (21) 2108-0808 / fax: (21) 2108-0800

e-mail: jze@zahar.com.br

site: www.zahar.com.br

Todos os direitos reservados.

A reprodução não autorizada desta publicação, no todo  
ou em parte, constitui violação de direitos autorais. (Lei 9.610/98)

Cet ouvrage, publié dans le cadre de l'Année de la France au Brésil et du Programme d'Aide à la Publication Carlos Drummond de Andrade, bénéficie du soutien du Ministère français des Affaires étrangères. "França.Br 2009" l'Année de la France au Brésil (21 avril – 15 novembre) est organisée: en France, par le Commissariat général français, le Ministère des Affaires étrangères et européennes, le Ministère de la Culture et de la Communication et Culturesfrance; au Brésil, par le Commissariat général brésilien, le Ministère de la Culture et le Ministère des Relations extérieures.

Este livro, publicado no âmbito do Ano da França no Brasil e do Programa de Apoio à Publicação Carlos Drummond de Andrade, contou com o apoio do ministério francês das Relações Exteriores. "França.Br 2009" Ano da França no Brasil (21 abr – 15 nov) é organizado: na França, pelo Comissariado Geral Francês, pelo Ministério das Relações Exteriores e Europeias, pelo Ministério da Cultura e da Comunicação e por Culturesfrance; no Brasil, pelo Comissariado Geral Brasileiro, pelo Ministério da Cultura e pelo Ministério das Relações Exteriores.

Projeto gráfico: Bruna Benvegnú

Capa: Sérgio Campante

Ilustração da capa: © Printstock/CSA Images/Corbis

CIP-Brasil. Catalogação-na-fonte  
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

---

P894c Pourriol, Ollivier, 1971-  
Cinefilô: as mais belas questões da filosofia no cinema / Ollivier Pourriol; tradução  
André Telles. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.

Tradução de: Cinéphilo: les plus belles questions de la philosophie sur grand écran  
Contém filmografia  
ISBN 978-85-378-0139-0

1. Cinema – Filosofia. 2. Filosofia no cinema. I. Título.

---

09-1716

CDD: 791.4301  
CDU: 791.01

---

# Sumário

## DESCARTES, O HERÓI DA FILOSOFIA

### 1. A vontade ou a razão: como agir sem saber?

*Colateral* ou o método do matador cartesiano 9 • Meditar ou conduzir (sua vida): é preciso escolher 12 • Como sair da vila perdida na floresta 13 • *O sentido da vida* e a síndrome do restaurante chinês 17 • *O Clube da Luta* e a pedagogia da arma 19 • Para onde corre Forrest Gump? 22 • *Quando éramos reis* ou a vontade, rainha do ringue 24 • O método 26 • O impiedoso método do matador colateral 33 • Método e cinema 39

### 2. E se Deus nos enganasse? Do bom uso da dúvida

*Matrix* ou a ameaça do gênio maligno 41 • O gênio maligno da *Matrix* 43 • Massa de panqueca, efeitos especiais e coordenada cartesiana 48 • A árvore do conhecimento tem um ramo moral? 50 • O deserto do real e a coisa extensa 52 • A magia do “como” 55

### 3. Existe uma prova da liberdade?

*Matrix* ou o lugar certo das máquinas 61 • Oráculo, primeiro encontro 62 • Oráculo, segundo encontro 67 • Morpheus e o Merovíngio 69 • As asas da impotência 71 • Que tipo de Deus é o Arquitecto? 74 • Escolha e generosidade, Leibniz contra Descartes 76 • Oráculo, terceiro encontro: o eterno retorno da escolha 78 • Oráculo, último encontro. A luz da escolha cega: rumo à generosidade 80

### 4. Devemos cuidar das paixões ou receber seus cuidados?

*Beleza americana* ou a terapia da paixão fulminante 85 • A bela americana e a (não tão) fera admiração 89 • O x do cinema, obscuro objeto do

desejo 93 · O jogo das paixões 95 · Do bom uso da ilusão 98 · Descartes e o cinema 101

## 5. Para que serve a generosidade?

*My Architect* ou a herança disfarçada 103 · *Philia*, filosofia e cinema 106 · Descartes, nosso arquiteto 109

# SPINOZA, a EXPERIÊNCIA DA ETERNIDADE

## 1. Eu e os outros, como encontrar a alegria?

*O inferno* ou o ciúme; *X-Men* ou a arte dos bons encontros 117 · Lester, causa adequada? 121 · O inferno do ciúme 123 · A ética dos X-Men 132

## 2. Como se tornar você mesmo

*O Clube da Luta* ou a tentação do outro 152 · A espiral das paixões 153 · A inversão dos anjos 155 · A imitação de sentimentos 157 · Da imitação à emulação 162 · A espiral da razão 173

## 3. O claro-obsuro objeto do desejo: para que serve a consciência?

*Blade Runner* ou o grito da vida 179 · Intensidade ou duração de vida? 183 · A empregada objeto do desejo 186 · Clube dos suicidas 190

## 4. Existe um bom uso da imaginação?

*O sexto sentido* ou o triunfo da razão 202 · O unicórnio e o lobo 205 · Passado, futuro e presente de uma ilusão 208 · O sexto sentido da razão 210

## 5. Em busca da eternidade: como vencer a morte?

*Highlander* ou o preço da imortalidade 217 · A duração depois de horas 219 · O estranho retorno do eterno 222 · Imortal *Highlander* 225 · As asas do conhecimento 227 · Os três gêneros do conhecimento 229 · Shaolin Spinoza 234 · *Matrix* e o conhecimento do terceiro gênero 241 · Da geometria à eternidade 247

Filmografia 255

Agradecimentos 257

# DESCARTES, O HERÓI DA FILOSOFIA

# I. A vontade ou a razão: como agir sem saber?

## *Colateral* ou o método do matador cartesiano

Para ser totalmente franco, no início eu não gostava de Descartes. Enquanto Spinoza e Nietzsche irradiaram de imediato um brilho misterioso e instigante, por muito tempo Descartes continuou para mim uma espécie de matemático adepto do imperfeito do subjuntivo e da frase infundável, cujo sentido esquecemos à medida que ela se desenrola, frase articulada com o mesmo rigor de uma demonstração matemática, com inúmeros “de maneira que”, “na medida em que”, “além do que” e outras pérolas herdadas do latim. Descartes era aquele velho chato, preciso como uma engrenagem de relógio, que escrevia em francês como se fosse latim. Suas frases todas tinham de ser traduzidas antes de serem explicadas. Era evidentemente uma crítica injusta, uma vez que Spinoza escrevia diretamente em latim e, como ele próprio admitia, *more geometrico*, no estilo dos geômetras. Mas, pensem bem, depois de anos errando a famosa “coordenada cartesiana” nas aulas de matemática e de física, como não odiar seu inventor? Voltaremos mais à frente a essa “coordenada”; fiquemos por enquanto com o adjetivo “cartesiano”, sinônimo de rigor, de exatidão, de cálculo frio, todas as qualidades dignas do traçado de uma ferrovia de TGV ou de um projeto de ponte. “Cartesiano”, para sermos mais claros, era quase um xingamento.

Foi apenas mais tarde, graças à leitura de Alain,\* que Descartes assumiu todo o seu relevo de homem e herói — o que não é em absoluto um exagero,

---

\* Alain é pseudônimo do francês Émile Chartier (1868-1951), filósofo, jornalista e professor que exerceu grande influência em discípulos como Raymond Aron, Simone Weil e Georges Canguilhem, entre outros. (N.T.)

espero convencê-los disso pelo que se seguirá —, foi apenas muito mais tarde, já livre de exames e concursos, que fui capaz de compreender a grandeza por tanto tempo encoberta daquele que afirmava, não obstante, caminhar mascarado. Quero crer que essa máscara, da mesma forma que o protegia dos ignorantes vingativos de sua época, perigosa para os espíritos livres, protege-o hoje dos ignorantes inofensivos que nos tornamos. Descartes é aqui vítima, não podemos dizer de sua prudência, uma vez que Spinoza agiu da mesma forma, mas de uma verdadeira injustiça, crônica na França, como observa Paul Valéry em seu *Fragmento de um Descartes*:

Descartes, por aqui, não tem sorte. Não há uma única estátua em Paris desse homem admirável — o que consinto que assim permaneça. Deram-lhe apenas uma rua bem ruinzinha, embora animada pelas luzes da Politécnica e um tanto assombrada pela sombra de Verlaine, que ali morreu. Enfim, perdemos seus ossos lá pelas bandas de Saint-Germain-des-Prés, e não é do meu conhecimento que os estejam procurando para trasladá-los para as criptas do Panthéon.\*

Ninguém é profeta em sua terra, eis o que não espanta mais ninguém. Por outro lado, vemo-nos na obrigação de esclarecer que tampouco ninguém é filósofo em sua terra: desde a condenação à morte de Sócrates e o exílio de Aristóteles pelos atenienses até a excomunhão de Spinoza ou a prudente aposentadoria de Descartes na Holanda, depois na Suécia, a história da filosofia é pródiga nas desventuras de seus grandes homens.

“Mas”, prossegue Valéry, “o homem prudente que ele era, e artista incomparável nas mais árduas disciplinas, construiu para si um túmulo com as próprias mãos, um desses túmulos de dar inveja. Instalou nele a estátua de seu espírito, e tão nítida, tão real ao ser admirada, que juraríamos estar viva.”

Um túmulo de dar inveja... curiosa expressão. É que esse túmulo mantém seu ocupante tão vivo quanto possível. Valéry fala dos livros de Descartes, mas o vocabulário por ele utilizado evoca curiosamente o cinema. Afinal, o espectador não entra na escuridão e no anonimato confortável do cinema como num túmulo, colocando sua vida entre parênteses enquanto dura a projeção, e não é um túmulo de dar inveja, uma vez que, nesse caso, o esquecimento

---

\* Entretanto, para os admiradores, existe uma estátua de Descartes no alto da galeria do pavilhão Denon, no pátio interno do Louvre (é a oitava à esquerda da porta Denon).



de si é uma condição para o prazer? O próprio filme não seria a estátua de um espírito “que julgaríamos estar viva” e que muitas vezes sentimos mais viva do que nós? Se essa analogia lhes parece tortuosa, vou procurar mostrar a que ponto ela é fundamentada, e de uma maneira tão surpreendente que confesso ter eu mesmo encontrado mais do que esperava. Do ponto de vista puramente técnico, Descartes não apenas fundou, por direito, a possibilidade do cinema — uma vez que anunciava que nós, os homens, poderíamos nos tornar, com nossa ciência, “como que senhores e donos da natureza” —, mas igualmente de fato, pois criou e teorizou o desenvolvimento de um autêntico sistema de projeção.

Baillet, em sua *Biografia do sr. Descartes*, conta como Descartes, que em 1634 viaja para Amsterdã com um certo sr. de Villebressieu, ocupa seu tempo livre:

Jamais ele [o sr. de Villebressieu] pareceu tão surpreso como quando o sr. Descartes lhe fez passar diante dos olhos uma companhia de soldados através de seu quarto, de perfil. O artifício consistia simplesmente em bonequinhos de soldados que ele tinha o cuidado de esconder; e, por intermédio de um espelho, fazia esses bonequinhos expandirem-se e crescerem até o tamanho natural de um homem, e parecia fazê-los entrar, passar e sair do quarto.

Em outras palavras, fez uma projeção privada para ele. Descartes teria pensado em transformar esse divertido jogo de espelhos em procedimento mecânico? Chegou a teorizar essa possibilidade, sonhando com a construção de um olho artificial:

De maneira que se conseguíssemos fazer um olho, cuja profundidade fosse bem grande, e a pupila bem larga, e que as figuras de suas superfícies que causassem alguma refração fossem proporcionais a essa grandeza, as imagens iriam formar-se ainda mais visíveis.

Esse “olho” não passa de um projetor, até mesmo de uma sala de cinema (“a profundidade bem grande”: a sala; “pupila bem larga”: a tela). Eis talvez um meio de reconciliar o divino René com as gerações de alunos traumatizados pela “coordenada cartesiana”: é graças a Descartes, e em particular às suas pesquisas em óptica, que o cinema nos salva do tédio e da indigente realidade do mundo moderno...

## Meditar ou conduzir (sua vida): é preciso escolher

Mas nem por isso Descartes é o ancestral dos *geeks*, *nerds* e outros *no life*, dia e noite monopolizados por seus monitores e seus sonhos de informáticos inadaptados àquilo que nós, por nossa vez, continuamos a chamar por convenção de “vida real”. Descartes, por certo, era capaz de se fechar durante uma semana dentro de uma “estufa” (era assim que se chamava na época o cômodo inteiro e não apenas o forno de calefação) para pôr em dúvida a existência do mundo, dos outros e até da sua própria. Esclareçamos que essa dúvida radical não é, como alguns afirmaram, sinal de um confinamento em si, sintoma de uma espécie de autismo intelectual também conhecido como solipsismo, mas o método intrepidamente corajoso adotado por um espírito fora do comum para pôr à prova tudo que julga conhecer, e tratar, uma vez em sua vida, de dar mostras de uma exigência absoluta em matéria de conhecimento. A história desse espírito que tenta encontrar sozinho o ponto de onde brotam todas as verdades, a história dessa exploração, o relato dessa aventura sem rede de segurança são as *Meditações metafísicas*. Tentar seguir intempestivamente Descartes nesse empreendimento é, tenho certeza, o melhor meio de se perder, e de perdê-lo. Deixemos então de lado por um instante esse Descartes meditativo e voltemo-nos para a outra vertente, para o Descartes atuante e soberano da ação. Pois Descartes é também um filósofo da ação. Sua vida é repleta de episódios em que aparece como homem d’armas, capaz de sacar a espada eventualmente, ou poupar um homem a quem desarmou durante um duelo. Para isso, e para apagar definitivamente em vocês a imagem enganadora que talvez façam de Descartes, eu lhes recomendaria vivamente a leitura dos capítulos a ele dedicados por Alain em sua antologia *Ideias*, que fazem justiça tanto ao homem quanto à sua filosofia. “Esse viajante”, diz ele, “esse militar, esse homem d’armas não é conhecido de vocês”, e o retrato feito por Alain visa a “nos fazer descobrir o percurso e até mesmo a atitude do homem que melhor soube duvidar quando era preciso, crer quando era preciso, e sempre certificar-se de si.”

Pois o que é válido no plano da busca da verdade inverte-se no domínio prático. Como agir corretamente? Como comportar-se na vida real? A questão, embora moral, até mesmo política, não encontrará nem solução moral nem política: o que Descartes aconselha em primeiro lugar é adiar a questão. Não pensar quando convém agir. Assim, a primeira máxima de sua moral será

obedecer às leis e costumes do meu país, conservando constantemente a religião na qual Deus me fez a graça de ser instruído desde a minha infância, governando-me em todas as outras coisas segundo as opiniões mais moderadas e distantes dos excessos, transmitidas na prática pelos mais sensatos daqueles com quem terei de conviver.

Ater-se às opiniões estabelecidas e aos costumes vigentes em seu país... será esta de fato uma moral de herói? Se Descartes recomenda conformarmo-nos com os costumes do lugar onde nos encontramos, não é por conformismo medroso, mas por uma suprema indiferença: no fundo, todos eles se equivalem. Hábitos e costumes devem ser vistos como elementos de circunstância, nada tendo a ver com o pensamento autêntico. Ao passo que não existe pior inimigo que a opinião no domínio do conhecimento, ao contrário, é recomendável apoiar-se nos preconceitos no domínio prático, pois nem sempre temos tempo de examinar tudo antes de nos lançarmos. “Não esqueçamos”, diz Hubert Grenier em suas *Grandes doutrinas morais*,

que em Descartes, do domínio do pensamento ao da ação, os valores se invertem. Numa época em que se pensa apenas por si só, solitariamente, e que não se age senão em contato com os outros; em que pensar é ter tempo, dispor de tempo, mas em que agir é inserir-se numa temporalidade comum de que ninguém é senhor, assim como na ordem teórica a dúvida prévia é necessária e nunca será excessiva, da mesma forma na ordem prática ela seria desastrosa, pois aqui, simples causa de atraso, a dúvida chama-se indecisão, e esta deve ser reputada como “o pior dos males”.

## Como sair da vila perdida na floresta

Em que aspecto a indecisão é o pior dos males? Fazer errado não é sempre pior do que não saber o que fazer? Escolher errado não é pior do que não escolher? Impulsivamente, responderíamos que sim. Fazer errado é pior do que não fazer nada, certo? Descartes responde que não, e vai mais longe, argumentando que, de certa forma, não podemos escolher errado. Uma escolha não é julgada por suas consequências, mas pela maneira como é feita e pela constância que a sustenta.

Para captarmos plenamente o alcance dessa proposição inusitada, comecemos por determinar os termos do problema. Nosso espírito dispõe de duas

faculdades. Uma é finita, é o entendimento, ou faculdade de compreender. A outra é infinita, é a vontade, ou faculdade de julgar, isto é, de afirmar e negar. Não podemos saber tudo, uma vez que nosso entendimento é finito, mas podemos querer tudo, uma vez que nossa vontade é infinita. Todo o problema, percebemos de saída, resulta dessa desproporção em nós. Nossa vontade pode afirmar alguma coisa como verdade, mesmo quando nosso entendimento não a compreendeu. Embora possamos afirmar qualquer coisa, não podemos pensar qualquer coisa. Nessa defasagem inscreve-se, por exemplo, a possibilidade do erro: enganar-se é afirmar (julgar, ato da vontade) alguma coisa que não compreendemos (compreender, ato do entendimento). Logo, nossa vontade infinita pode enganar-se infinitamente. Iluminados pela débil luz do archote de nosso entendimento, estamos livres para correr a uma velocidade infinita na escuridão. Privilégio curioso, anunciador de colisões e quedas. Mas privilégio de toda forma e, como veremos, se a vontade é um problema por ser infinita, será também, pelas mesmas razões, solução.

Mas não andemos rápido demais. Não nos precipitemos na escuridão. Convém, antes, compreender essa escuridão. Nosso entendimento é finito, ou cego, o que dá no mesmo. Não enxergamos o futuro, isso é ponto pacífico. Mas tampouco enxergamos o presente, no sentido de que temos um conhecimento limitado do que nos circunda. É fácil perder-se neste mundo que nos ultrapassa de todos os lados. Uma primeira solução parece consistir num retraimento temeroso. Se decidimos agir apenas com a condição de conhecer antecipadamente o resultado de nossa ação, nosso entendimento, não obstante finito, alcança a vontade, e a laça e aprisiona, limitando-a a só querer o que ele conhece. É uma existência bem-comportada, confortável, mas que supõe um isolamento total, a recusa de toda alteridade, de todo risco, de toda novidade, em suma, uma vida absolutamente autárquica — uma vida que se assemelha terrivelmente à morte.

A *vila*, por exemplo, filme de M. Night Shyamalan, põe em cena uma comunidade rural vivendo ao mesmo tempo no conforto e no medo, isolada do resto do mundo por uma floresta hostil habitada por criaturas assustadoras, uma floresta que a ameaça e protege ao mesmo tempo, permitindo-lhe jamais ser importunada por intrusos. Uma fronteira separa claramente a vila e a floresta. Se nenhum morador atravessá-la numa determinada direção, nenhuma criatura da floresta a transporá na outra. Entretanto, uma moça cega decide enfrentar essa floresta proibida para conseguir um remédio “na vila” que salvará seu namorado gravemente doente. O clichê segundo o qual o amor é cego encontra

aqui um novo frescor e um novo sentido. Dois amigos que enxergam decidem acompanhá-la para orientá-la, mas logo desistem, transidos de medo. Enxergar foi-lhes prejudicial, fornecendo uma profusão de objetos para sua imaginação impressionável. A jovem cega fica sozinha.

Mas ser cega, paradoxalmente, lhe é útil: ela não pode ter medo do que não enxerga. Chapeuzinho Amarelo — pois esta é a cor supostamente protetora da capa que ela usa, sem poder vê-la —, essa adolescente cega e apaixonada, perdida numa floresta hostil, nos dá uma boa ilustração da condição humana. Entendimento finito, mas vontade infinita. Cega, com a visão mais que finita, mas apaixonada, infinitamente. Já percebemos, confusamente, cegamente, que a luz que poderia vir dos olhos virá do amor. Traduzido em linguagem cartesiana: quando o entendimento não pode fornecer chaves, cabe à vontade dar a solução necessária para conduzir uma ação. Uma ação só poderá ser decisiva se for decidida. Como dizia Alain, o segredo da ação é engajar-se nela. Terceira parte do *Discurso do método*:

Minha segunda máxima era ser o mais firme e resolutivo possível em minhas ações e apenas seguir as opiniões mais duvidosas, quando a isto estivesse determinado, se elas fossem bastante seguras. Imitando nisso os viajantes que, vendo-se perdidos em alguma floresta, não devem deambular em círculo, nem para um lado nem para o outro, mas sempre caminhar o máximo possível em linha reta numa mesma direção e não mudá-la em hipótese alguma por razões débeis, ainda que talvez tenha sido no início que o acaso os tenha determinado a escolhê-la: pois, assim, se eles não forem justamente aonde desejam, pelo menos chegarão no fim a algum lugar, onde possivelmente estarão melhor do que no meio de uma floresta.

Podemos, quando estamos perdidos, ter uma intuição, como se diz. “Sinto que é por ali.” O perigo que há em seguir essa intuição é que, fundamentada apenas no sentimento ou no pressentimento, ela corre o risco de mudar no caminho. Podemos terminar girando em círculos. Estratégia ruim, responde Descartes. Quando não sabemos, não é uma intuição que irá nos tirar dali, mas uma decisão. Em todo caso, esclareçamos desde já que a intuição de que se trata nesse caso, no sentido de “sentimento vago” ou “certeza inexplicável”, ou ainda “sexto sentido” — como dizemos quando alguém tem “intuição”, ou quando falamos da misteriosa “intuição feminina” —, nada tem a ver com o que Descartes, por sua vez, chamará de *intuição*, que designa, ao contrário, o ato intelectual mais claro e mais legítimo, como veremos adiante.